

Influência da resposta a falha na atitude e na intenção em um contexto de alimentação saudável

Response influence the failure in attitude and intent on a healthy eating context

Alessandro Silva de Oliveira

Doutorando em Administração pela UNINOVE-SP, Mestre em Administração de Empresas UFLA, graduação em Administração de Empresa pelo Instituto Presbiteriano Gammon. Possui Especialização Lato Sensu em Gerenciamento de Micro e Pequenas Empresas, Gestão Agroindustrial e em Ecoturismo: Interpretação e Planejamento de Atividades em Áreas Naturais - UFLA. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela UFF, Rio de Janeiro, Brasil
alessandro.si@gmail.com

Filipe Quevedo Pires de Oliveira e Silva

Doutor em Administração pela UNINOVE-SP. Mestre em Administração UFMS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Nove de Julho atuando na linha de pesquisa de Marketing. Professor Permanente do Mestrado Profissional em Administração Gestão do Esporte e Professor Colaborador do Programa de Mestrado Profissional em Administração Gestão de Projetos desta mesma Universidade. Atua também como Professor Contratado na EACH - Escola de Artes USP. Editor adjunto da área de Marketing da Revista de Administração (RAUSP), São Paulo, Brasil
filquevedo@gmail.com

Otávio Bandeira De Lamônica Freire

Doutor em Gestão da Comunicação pela USP possui, graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso , especialização em Marketing pela ESPM , mestrado em Comunicação pela Universidade Paulista e mestrado em Educação pela Universidade de Cuiabá . Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Nove de Julho - PPGA/UNINOVE e Professor de Marketing da Escola de Artes, EACH/USP.
otaviofreire@uninove.br

Dirceu da Silva

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 - CA AE - Administração, Contabilidade e Economia. Possui graduação em Física pela Universidade de São Paulo, graduação em Licenciatura em Física e Matemática pela Universidade de São Paulo ,mestrado em Física pela Universidade de São Paulo e doutorado em Educação (Avaliação e Cognição) pela Universidade de São Paulo .Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Nove de Julho e da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, São Paulo, Brasil
dirceuds@gmail.com

Editor Científico: José Edson Lara
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Recebido em 17.06.2015
Aprovado em 14.12.2015



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição – Não Comercial 3.0 Brasil

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a relação entre Resposta à Falha (RAF) e atitude e intenção em relação à alimentação saudável. Com base na escala RAF e na literatura sobre atitude, foi sugerido um modelo conceitual representando três hipóteses. Foi realizado um estudo quantitativo com 154 consumidores. Os dados foram analisados por meio de Modelagem de Equações Estruturais. Os resultados demonstram a validação da escala RAF junto a consumidores brasileiros. A RAF e a atitude tiveram relação positiva com a Intenção de se alimentar de forma saudável. Além disso, não houve relação significativa entre RAF e atitude dos respondentes.

Palavras-chave: Resposta a falha; Atitude; Intenção; Modelagem de Equações Estruturais.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the relationship between Response-to-Failure (RAF) and attitude and intention in relation to healthy eating. Based at RAF scale and in the literature of attitude, it was suggested a conceptual model representing three hypotheses. A quantitative study was carried out among 154 consumers. Data were analyzed using Structural Equation Modeling. The results demonstrate the validation of RAF scale with Brazilian consumers. The RAF scale and the attitude was positively associated with the Intent to healthy eating. In addition, there was no significant relationship between RAF scale and attitude of the respondents.

Keywords: Response to failure; Attitude; Intention; Structural modeling equations.

1 INTRODUÇÃO

Nossa condição humana muitas vezes pode ser entendida pelas nossas falhas ao longo da vida. Existem muitos tipos de falhas sobre os quais temos pouco ou nenhum controle. Muitas vezes falhamos em viver de acordo com as expectativas daqueles que nos rodeiam por não conseguirmos alcançar objetivos que requerem capacidades físicas ou mentais que estão além do que possuímos (Cottam, 2011). Indo para o campo do consumo, muitas vezes os consumidores tendem a falhar de forma consistente para atingir objetivos que exigem autocontrole sequencial (Zemack-Rugar, Corus, & Brinberg, 2012). A falha no autocontrole sequencial pode gerar consequências significativas para o reconhecimento e entendimento do comportamento humano.

Um modelo de autocontrole sugere que o esforço inicial de autocontrole leva a um pior desempenho de autocontrole subsequente. A falha de autocontrole pode ser entendida como um importante mecanismo subjacente, por exemplo, no que diz respeito ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas (Otten, Schuurmans, & Hermans, 2013). Outras alegações relacionadas com as falhas de autocontrole estão ligadas aos impulsos irresistíveis sofridos pelas pessoas, como compras compulsivas. Baumeister (2002), contudo, considera que mesmo quando as pessoas agem por impulso, conseguem controlar seu comportamento quando isto irá favorecê-las. Um exemplo que ilustra este comportamento são os assassinos em série que têm reputação de sofrer impulsos irresistíveis para cometer atos violentos e homicidas, mas, de alguma forma, seus crimes nunca são cometidos na presença de um policial armado.

Nesta perspectiva, esse trabalho teve como foco o comportamento do consumidor na sequência de uma falha de autocontrole inicial, o qual denominaremos de "comportamento pós-falha" ou "comportamento subsequente". Conforme Zemack-Rugar et al. (2012), o comportamento pós-falha é importante por duas razões. Primeiro, a falha inicial sozinha não determina os resultados de

esforços de autocontrole, uma vez que as pessoas não se tornam obesas depois de comer uma única fatia de bolo, nem se acumulam dívidas significativas a partir de uma única compra impulsiva. Em segundo lugar, as falhas de autocontrole iniciais são comuns em ambientes de consumo da mesma forma que o autocontrole sequencial. Para os autores, esses dois tipos de autocontrole dão origem a Resposta a Falha (RAF). Os autores propuseram uma escala de “Resposta a Falha” (RAF) com o objetivo de prever a probabilidade de alguém de seguir com o fracasso inicial com falhas adicionais ou modificar o comportamento.

Dessa forma, o objetivo desse artigo é analisar a relação entre resposta a falha (RAF) e a atitude e intenção comportamental de consumidores brasileiros em um contexto de alimentação saudável. Além disso, iremos testar e validar a escala RAF ao contexto brasileiro. O consumo de alimentos foi utilizado por apresentar possíveis comportamentos de pós-falha (Dholakia, Gopinath, & Bagozzi, 2005; Zemack-Rugar et al., 2012), além da importância dessa temática para a sociedade.

Diante do exposto, o presente trabalho está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na segunda seção, encontram-se o desenvolvimento das hipóteses e as teorias pertinentes ao tema. Num terceiro momento, apresenta-se o método, que traz a forma como o estudo foi operacionalizado e como foram realizadas as análises dos dados coletados. Na quarta parte é feita a análise dos dados, bem como a apresentação dos testes pertinentes para sustentação das hipóteses. Em seguida, na quinta seção, temos a discussão dos resultados obtidos. Finalizando o trabalho temos as conclusões, limitações e recomendações.

2 RELAÇÃO ENTRE RESPOSTA À FALHA, ATITUDE E COMPORTAMENTO DE CONSUMO

Baumeister (2002) usa os termos "autocontrole" e "autorregulação" como tendo o mesmo sentido, ou seja, ambos referem-se à capacidade que as pessoas têm de (auto) alterar seus próprios estados emocionais e suas respostas. O Autocontrole refere-se à energia mental que os indivíduos utilizam para regular seus próprios pensamentos, emoções e comportamentos (Muraven & Baumeister, 2000). Ele se baseia em processos controlados por meio dos quais as pessoas tentam substituir impulsos, emoções e tendências de resposta automática.

O autocontrole pode ser interpretado como um recurso central voluntário usado para organizar todos os tipos de comportamentos intencionais, inclusive

comprometendo algumas memórias temporárias, que envolve comportamentos ilícitos, inibindo respostas inadequadas e regulando as emoções (Inzlicht & Gutsell, 2007). Para Muraven (2008), o autocontrole é essencial para inibir ou impedir comportamentos, pensamentos ou desejos que podem impedir que a pessoa progrida em direção de seus objetivos. Para esse autor, é necessário que as pessoas inibam os pensamentos inapropriados ou indesejados para ter interações sociais normais e sucesso no autocontrole.

Por mais que tentemos controlar nossas ações e vontades, as falhas no autocontrole são inevitáveis. Uma das causas disto são os impulsos que referem-se às respostas comportamentais incipientes. Tais respostas resultam normalmente do encontro entre uma motivação e um estímulo, como, por exemplo, quando uma pessoa com fome depara-se com um alimento e sente o impulso de comê-lo (Baumeister, 2002). O comportamento impulsivo é entendido como um comportamento que não é regulado, resultante de um impulso espontâneo não planejado. Em particular, a compra impulsiva envolve a obtenção de súbita vontade de comprar alguma coisa, sem intenção prévia ou planejamento e, em seguida, agir sobre esse impulso, sem cuidado, ou considerar que a compra é consistente com seus objetivos de longo prazo, ideais, e planos (Baumeister, 2002).

Falta de autocontrole também pode surgir em consequência da escassez de recursos, conforme apresenta o modelo de resistência de autorregulação proposto por Muraven, Tice, Baumeister (1998). De acordo com esse modelo, o processo de autorregulação consome algum recurso, acarretando em um esgotamento posterior. Num segundo momento, o sucesso na autorregulação depende da disponibilidade deste recurso e, possivelmente, a autorregulação pode ser uma função linear deste recurso. Em terceiro lugar, todas as formas de autorregulação exigem alguns desses recursos, e na verdade todas as formas podem utilizar o mesmo recurso. Estes pressupostos fornecem uma previsão relevante de que um ato de autorregulação será seguido por um ato mais fraco em função do esgotamento sofrido pelo sujeito, mesmo que esses atos posteriores ocorram em situações diferentes da inicial.

Segundo Baumeister e Heatherton (1996), a autorregulação é um mecanismo complexo que pode falhar em diversas situações. A sub-regulação ocorre porque as pessoas precisam de estabilidade, clareza e padrões consistentes, porque não conseguem controlar suas ações, ou porque lhes falta a força para substituir as

respostas que desejam controlar. A desregulação ocorre porque as pessoas agem com base em suposições falsas sobre si mesmas e sobre o mundo, porque elas tentam controlar as coisas que não podem ser controladas diretamente, ou porque elas dão prioridade às emoções, negligenciando os problemas mais importantes e fundamentais. Dessa forma, a angústia e sofrimento são resultados importantes advindos das falhas no autocontrole ou autorregulação. Violência, falência financeira, insucesso escolar, gravidez na adolescência, obesidade, doenças venéreas, álcool e abuso de drogas, procrastinação, tabagismo e outros problemas surgem, pelo menos em parte, pela deficiência do autocontrole (Wallace & Baumeister, 2002, Alberts, Martijn, & De Vries, 2011). Pesquisas têm mostrado que a falta de autocontrole está associada a uma ampla gama de resultados negativos, enquanto que altos níveis de autocontrole preveem uma série de resultados positivos (Hollander-Blumoff, 2011).

Vários estudos acerca de falhas de autorregulação demonstraram que existem sinais que causam a ativação de um erro. Ou seja, uma falha inicial e aparentemente menor no autocontrole pode desencadear outros fatores que impedem a reafirmação do autocontrole e, conseqüentemente, ocasionar novas falhas (Baumeister e Heatherton, 1996). De acordo com Muraven e Slessareva (2003) os esforços iniciais de autocontrole podem motivar as pessoas a conservar a força e, com isso, poupar seus recursos próprios. Ao aumentar a motivação, as pessoas ficam mais dispostas a investir em seus recursos e mostram menos sinais de esgotamento do ego.

Para Alberts et al. (2011), os meios utilizados para uma tentativa de autocontrole inicial podem não estar mais disponíveis em tentativas subseqüentes, resultando em uma diminuição do desempenho no autocontrole. Conforme resultados de pesquisa de Muraven et al. (1998), quando pessoas exercem repetidamente autocontrole dentro de um período relativamente curto de tempo (autocontrole inicial), o desempenho em uma ação subseqüente de autocontrole estará propenso a ser menor. Este fenômeno é chamado de esgotamento do ego, que vem sendo estudado e entendido por meio de diferentes tipos de manipulação (por exemplo: regulação da emoção, controle dos impulsos, tomada de decisão deliberada e tarefas de memória) (Alberts et al., 2011).

Para Zemack-Rugar et al. (2012), o autocontrole inicial e o autocontrole subseqüente são responsáveis pela falha do comportamento das pessoas. Os autores propuseram uma escala de "Resposta a Falha" (RAF) em que o "fracasso"

refere-se a uma falha de autocontrole inicial e "resposta" refere-se a um comportamento de autocontrole subsequente. O objetivo da escala RAF é prever quem tem mais chances de seguir com o fracasso inicial com falhas adicionais ou quem é mais propenso a fazer modificações em seu comportamento.

Os autores entendem que uma falha inicial sozinha geralmente não determina os resultados dos esforços do autocontrole, ou seja, as pessoas não se tornam obesas depois de comer uma única fatia de bolo. Em vez disso, uma falha inicial sempre irá levar a um comportamento subsequente, sendo este a continuação da falha inicial ou uma modificação de comportamento. Dessa forma, pessoas que inicialmente falham, mas que desejam se recuperar, apresentariam maior probabilidade de ter um comportamento distinto no futuro.

Nesse sentido, uma pessoa que falhou ao se alimentar em excesso e de maneira não saudável, percebe a falha e rapidamente se prontifica a se comportar de maneira diferente no momento posterior. Cabe ressaltar nesse momento que uma alimentação saudável preconiza incentivar as pessoas a realizarem uma dieta baixa em gordura saturada e colesterol; consumir uma variedade de frutas, verduras e grãos por dia, com ênfase em grãos integrais, e ser fisicamente ativo no dia-a-dia (Croll, Neumark-Sztainer, & Story, 2001). O Dietary Guidelines for Americans (2015) orienta as pessoas a se alimentarem de forma saudável, fazendo uso de alimentos e bebidas que ajudam a atingir e manter um peso saudável, promover a saúde e prevenir a doença crônica. Tendo como referência os mecanismos psicológicos ativados pela resposta à falha e o comportamento subsequente, espera-se que:

H1 – A resposta à falha no controle da alimentação saudável terá uma relação positiva com a intenção de se alimentar de forma saudável.

Indo de encontro à próxima hipótese, temos o conceito atitude, que pode ser considerado um dos mais relevantes na pesquisa do comportamento do consumidor e na psicologia social (Sheth, Mittal, & Newman, 1999). Conforme Mitchell e Olson (1981), isso se dá em função das atitudes poderem ser consideradas predisposições estáveis de comportamentos subsequentes, o que as torna capazes de prever com certa eficácia os comportamentos de consumo. Atitudes podem ser utilizadas para prever ou anteceder comportamentos, tornando o seu estudo relevante nas pesquisas de comportamento de consumo.

Em se tratando da relação entre atitude e intenção comportamental, Bagozzi (1981), ao estudar o comportamento de doadores de sangue em uma amostra não probabilística de 95 pessoas, demonstrou uma relação causal significativa entre atitude e intenção comportamental. Vermeir e Verbeke (2008) também encontraram resultado semelhante ao estudar o consumo de comidas sustentáveis junto a 456 jovens adultos na Bélgica, com base na Teoria do Comportamento Planejado. O estudo identificou que a atitude foi um dos fatores capazes de explicar a intenção de consumir alimentos sustentáveis. Quevedo-Silva, Lima-Filho e Freire (2013), ao estudar o comportamento de consumo de carne bovina ambientalmente sustentável, também confirmaram a atitude como antecedente da intenção de consumo.

Dessa forma, em consonância com a teoria e os referidos estudos, formula-se a segunda hipótese deste estudo:

H2 - A atitude em relação à alimentação saudável terá uma relação positiva com a intenção de se alimentar de forma saudável.

O conceito de atitude é composto por três dimensões (Ajzen, 2001). A cognição está associada ao conhecimento do indivíduo sobre o produto; o afeto refere-se aos sentimentos das pessoas frente ao objeto; e a conação ou comportamento está relacionada às opiniões e intenções comportamentais para com este objeto. De acordo com Bolton e Drew (1991), as atitudes diferem entre consumidores em função da combinação de fatores que são mais ou menos importantes para cada um. Entre estes fatores podem-se citar as percepções, conhecimentos, opiniões e crenças, as quais, por sua vez, segundo Korgaonkar, Silberblatt, & O'leary (2001) podem ser entendidas como precursoras das atitudes, que são precursoras do comportamento de compra.

Como as atitudes são aprendidas e formadas com base em experiências passadas e informações que se possui acerca de um objeto, essa atitude depois de formada por meio de novas experiências, diferentes das anteriores, e de novas informações, pode mudar. Dessa forma, pode-se perceber que a mudança no ambiente externo é vital para a mudança de atitude de um indivíduo, e que os fatores internos, como por exemplo a personalidade, irão afetar a receptividade dessas novas informações e a velocidade da mudança de atitude (Shiffman & Kanuk, 2000).

Contudo, para haver uma mudança de atitude, geralmente é necessário que haja um ambiente favorável a isso, como o caso de uma atitude que não está mais cumprindo sua função satisfatoriamente (Katz, 1960). Em termos genéricos, modificar uma atitude pressupõe um novo processo de aprendizagem que sempre se inicia com um problema, mas dependendo da função que não está mais sendo atendida. É importante ressaltar, principalmente por se tratar de um estudo de comportamento de consumo, que nem sempre é fácil gerar uma mudança de atitude. Existem barreiras para essas mudanças e, quanto mais próximas de uma atitude está do sistema de crenças de um indivíduo, mais difícil será a sua mudança (Katz, 1960). Dessa forma, espera-se que mesmo que a resposta à falha no controle da alimentação saudável gere um estímulo capaz de influenciar a intenção de se alimentar de forma saudável no futuro, ela não será capaz de causar uma mudança significativa nas percepções, conhecimentos, opiniões e crenças do indivíduo, ou seja, não afetará de imediato suas atitudes sobre o tema. Portanto, espera-se que:

H3 – A resposta à falha no controle da alimentação saudável não terá relação significativa com a atitude em relação à alimentação saudável.

Com base na revisão de literatura, para o presente estudo propõe-se, portanto, o seguinte modelo (Figura 1):

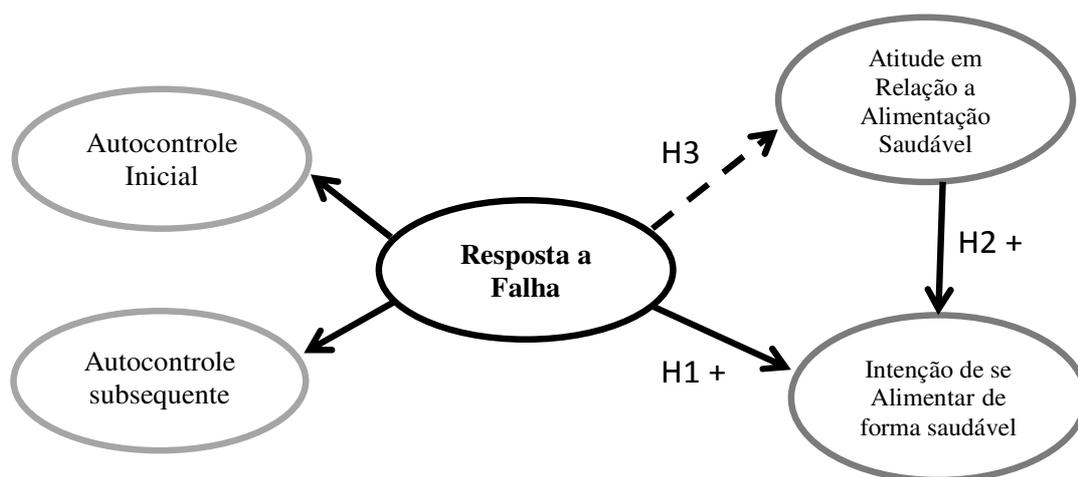


Figura 1 – Modelo estrutural da resposta à falha e sua influência na atitude e na intenção de se alimentar de forma saudável

Fonte: Elaborado pelos autores (2014)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escala RAF foi retirada do trabalho de Zemack-Rugar et al. (2012); a tradução dessa escala e das demais escalas utilizadas nesse trabalho foi realizada por um profissional especializado e em seguida as questões traduzidas foram apresentadas a um grupo de professores doutores para verificar o conteúdo, significado e veracidade das questões, além de verificar a fidedignidade das questões traduzidas com as dos trabalhos originais.

A RAF é um instrumento baseado em cenários que permitem especificar o objetivo do autocontrole e suas falhas. O cenário descreve um fracasso inicial de autocontrole em um domínio específico que, no caso deste trabalho, trata-se da alimentação saudável. Em seguida vários itens de resposta foram criados, cada uma representando uma resposta emocional ou cognitiva baseados no estímulo de fracasso inicial descrito no cenário.

O questionário conta com 4 itens para mensurar a falha do controle inicial e 6 itens para autocontrole subsequente. A escala utilizada foi do tipo Likert com variação de 7 pontos que vai de (1) Discordo Totalmente até (7) Concordo Totalmente. A escala sobre a Intenção de se Alimentar de Forma Saudável foi composta por seis questões com escalas de 7 pontos que variam de (1) Discordo Totalmente até (7) Concordo Totalmente, elaborada a partir dos trabalhos de Povey, Conner, Sparks, James e Shepherd (2000) e Åstrøm e Rise (2001). A escala de Atitude em Relação à Alimentação Saudável segue os mesmos parâmetros da escala anterior, porém, foi elaborada com base nos trabalhos de Povey et al. (2000) e Chan e Tsang (2011). As duas últimas escalas foram aplicadas após o preenchimento da escala RAF. As escalas traduzidas e o cenário utilizado estão em anexo.

Foi desenvolvido e operacionalizado um *survey* com instrumento de coleta de dados enviado e respondido via internet. O disparo e o gerenciamento do *link* foi administrado por uma empresa especializada em pesquisa de mercado. Dessa forma a técnica de amostragem tem característica não probabilística, pois o pesquisador elege as unidades amostrais mais adequadas aos objetivos da pesquisa (Malhotra, 2012).

A técnica para a análise dos dados foi a Modelagem de Equações Estruturais (MEE), pois visa alcançar resultados robustos entre as possíveis relações dos construtos representados no modelo proposto para o estudo. Essa é uma técnica que permite uma modelagem genérica, empregada para testar a validade de

modelos teóricos que determinam relações causais e hipotéticas entre os construtos (Marôco, 2010; **Hair**, Anderson, Tatham & Black, 2009; Malhotra, Lopes, & Veiga, 2014).

O *software* utilizado para a realização das análises foi o SmartPLS 2.0 M3 (Ringle, Wende, & Will, 2005; Ringle, Silva, & Bido, 2014). A técnica estatística utilizada pelo *software* é baseada em variâncias ou mínimos quadrados parciais (PLS - *Partial Least Squares*). Sua principal aplicação é na construção de modelos de previsão quando os fatores são altamente colineares, além de fornecer estimativas entre as variáveis latentes e como estas se correlacionam conforme o modelo e estrutura dos caminhos (Tobias, 1995; Trinchera & Russolillo, 2010).

Neste artigo foi realizada a estimação do modelo de mensuração, avaliada a confiabilidade, a validade convergente e a validade discriminante de cada variável antes de se proceder à avaliação e interpretação do Modelo Estrutural.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A amostra contou com 154 respondentes, sendo 78% do sexo feminino; 35% possuem idade entre 17 e 25 anos, 37% entre 26 e 35 anos, 17% entre 36 e 45 anos e 11% acima de 46 anos. Os respondentes são de vários estados do Brasil, sendo em sua maioria do estado de São Paulo.

Com respeito ao tamanho mínimo da amostra, como o método de estimação usado (PLS) é parcial, deve-se atentar para o constructo que tem mais relações causais com os outros (recebe mais setas) (Ringle et al., 2014). Assim, observando a Figura 1, o constructo “intenção de alimentar de forma saudável” recebe duas setas (ou tem dois preditores). Usando os parâmetros de cálculo sugeridos por Cohen (1988 e 1992) para as áreas de Ciências Sociais Aplicadas e do Comportamento: Tamanho do efeito médio (0,15), poder do teste (Power = $1 - \beta$) de 0,80 e nível de significância de 0,05, chega-se a um valor de amostra mínima de 68 respondentes, valor que está muito abaixo da amostra desta pesquisa. Ainda para o cálculo da amostra usou-se o *software* gratuito G*POWER 3.19 (Faul, Erdfelder, Lang & Buchner, 2007).

A primeira etapa para o ajuste do modelo foi a observância das cargas fatoriais (λ) que deveriam possuir idealmente valores acima de 0,7 (Hair et al., 2014). Nesta

etapa, foram retiradas duas variáveis manifestas do construto Atitude em Relação à Alimentação Saudável e três do construto Intenção de se Alimentar de Forma Saudável, chegando ao modelo estrutural do trabalho (Figura 2).

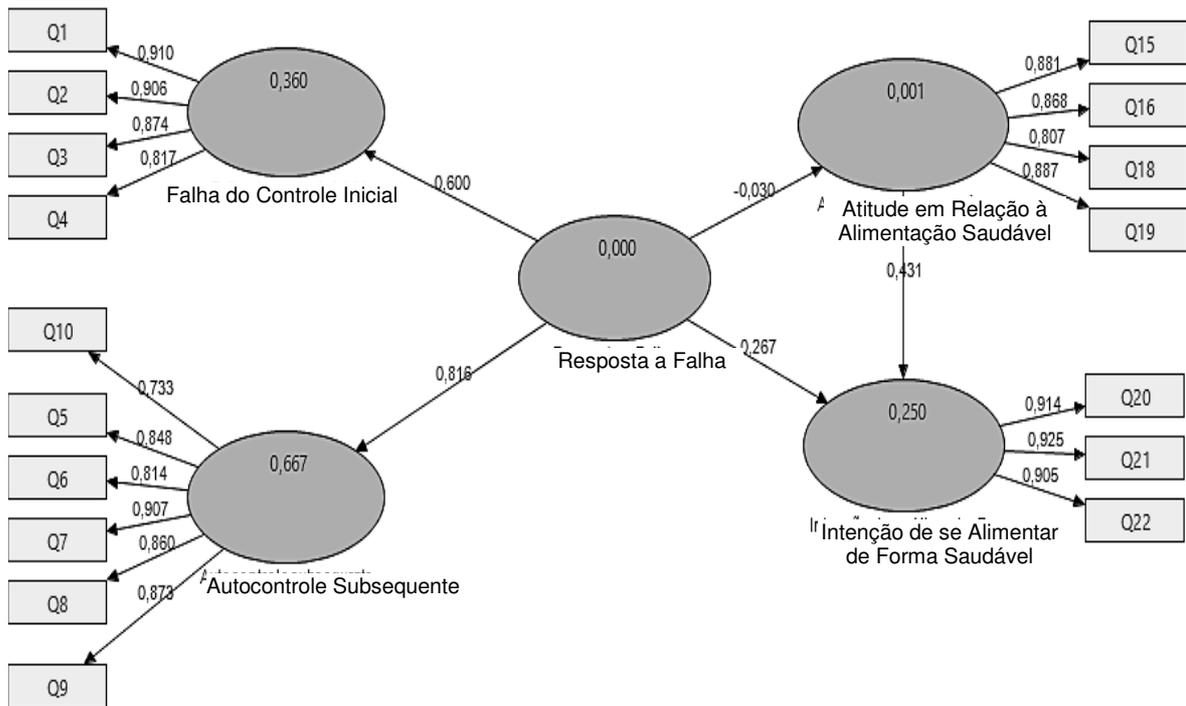


Figura 2 - Modelo estrutural e de mensuração com λ , β e R^2 padronizados
 Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Em seguida, foram verificadas a Confiabilidade Composta (CC) a consistência interna (teste alfa de Cronbach- AC) e a validade convergente de cada construto por meio da verificação dos valores Variância Média Extraída (AVE). O Alfa de Cronbach é um indicador de consistência interna de uma escala multi-item, muito utilizado como indicador de confiabilidade (Lee & Hooley, 2005), mas com pouca sensibilidade para avaliar os MEE (Hair et al., 2014) e, assim, deve ser considerado com reservas. De fato, o teste AC varia muito com o tamanho da amostra e com o número de variáveis ou indicadores presentes em cada constructo. Para o AC os valores de 0,6 a 0,7 são aceitáveis (Nunnally, 1978). A CC é mais adequada ao PLS-PM, pois prioriza as variáveis de acordo com as suas confiabilidades. Valores de 0,70 são considerados satisfatórios (Hair et al., 2014). A leitura da tabela 1 mostra que os valores do AC e da CC são adequados.

A validade convergente é outro indicador importante a ser analisado, pois avalia até que ponto uma variável se correlaciona positivamente com outras no mesmo construto (Malhotra, et al., 2014). Para avaliar validade convergente, é

preciso examinar a Variância Média Extraída (AVE) (Hair et al., 2011). Um valor de AVE de 0,50 ou mais indica um grau de validade convergente adequado, significando que a variável latente explica mais da metade da variância dos seus indicadores (Tabachnick & Fidel, 2001). É importante destacar que este parâmetro não se aplica para construtos de segunda ordem, que não são mensurados, como é o caso do constructo “Resposta à Falha”. Os construtos apresentaram níveis aceitáveis de AVE indicando uma boa validade convergente, conforme Tabela 1.

Tabela 1

Valores da Confiabilidade Composta (CC), teste alfa de Cronbach (AC) e Variância Média Explicada (AVE).

Constructos	AVE	CC	AC
Autocontrole Subsequente	0,707	0,935	0,916
Falha do Controle Inicial	0,769	0,93	0,899
Intenção de se Alimentar De Forma Saudável	0,836	0,938	0,902
Atitude a Alimentação Saudável	0,741	0,919	0,883

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Obs: a) A coluna Constructos indica cada construto; b) AC indica o valor do teste Alfa de Cronbach; c) CC indica o valor da Confiabilidade Composta; d) AVE indica o valor da Variância Média Extraída.

Na terceira etapa, é analisada a validade discriminante dos construtos, pois, segundo Campbell e Fiske (1959), para que uma pesquisa seja bem sucedida é preciso que seus construtos representem conceitos que não sejam altamente correlacionados, ou seja, precisam medir coisas diferentes. Um dos critérios mais utilizados para a verificação da validade discriminante foi proposto por Fornell e Larcker (1981) que compara as raízes quadradas dos valores das AVEs de cada constructo com as correlações (de *Pearson*) entre os constructos (ou variáveis latentes). As raízes quadradas das AVEs devem ser maiores que as correlações dos constructos. Na Tabela 2, é possível verificar que todos os valores da AVE, que estão na diagonal em amarelo, são maiores que as demais correlações apresentadas. Indicando assim, que o modelo ajustado apresenta validade discriminante entre os construtos.

Tabela 2

Avaliação da Validade Discriminante

Constructos	1	2	3	4
1. Autocontrole Subsequente	0,8400			
2. Falha do Controle Inicial	0,0278	0,8774		
3. Intenção de se Alimentar de Forma Saudável	0,2876	0,0370	0,9147	
4. Atitude a Alimentação Saudável	0,8164	0,5997	0,2542	0,6264

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Obs: Esta tabela apresenta as correlações entre os construtos de primeira ordem da Figura 1.

Nota: Os valores em amarelo (na diagonal principal) são as raízes quadradas da AVE. Os demais valores são as correlações entre os constructos.

Finalmente, foram verificados os valores e significância dos Coeficientes de Caminho (Γ). Para se aceitar um Γ deve-se testar se as relações causais entre os constructos são significantes ou não. Para tal, se usa um teste t de Student, observando-se o valor do teste (estatística t). Valores acima de 1,96 (extremos ou região crítica da distribuição t de Student) são considerados significantes a 5% (Hair et al., 2014). Por fim, o valor do indicador de qualidade geral do modelo ajustado (GoF) não foi calculado, porque estudos recentes têm mostrado que ele pode apresentar resultados errôneos (Hair et al., 2014).

Tabela 3

Análise dos coeficientes do caminho e os p-valores

Relações Causais	Γ de caminho	Valor do teste t de Student	p-valor	Efeitos Observados
RAF → Falha do Controle Inicial	0,6000	3,9000	0,009	Positivo quase forte
RAF → Autocontrole Subsequente	0,8160	14,3190	>0,001	Positivo forte
RAF → Atitude a Alimentação Saudável	-0,0300	0,2890	0,391	Não significante
RAF → Intenção de se Alim. de Forma Saudável	0,2670	2,9410	0,012	Positivo fraco
Atitude a Alimentação Saudável → Intenção de se Alim. de Forma Saudável	0,4310	3,6980	0,005	Positivo moderado

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

Nível de significância adotado foi de 0,05 ($\alpha = 0,05$).

Nota: para o cálculo dos p-valores foi usada a sintaxe no Microsoft Excel “=DISTT(x; graus_liberdade; caudas)” (Hair et al., 2014).

Para melhor visualização das decisões sobre as hipóteses formuladas, foi construída a Tabela 4, na qual se verifica que dois dos Coeficientes de Caminho (Γ) são significantes. A relação entre o constructo RAF e intenção de compra (H1) foi comprovada, indicando que há impacto na intenção de comportamento subsequente

dos respondentes. A atitude teve relação significativa e positiva com a intenção, assim como a teoria do comportamento planejado sugere, comprovando H2. Já a relação entre Resposta a Falha e Atitude em Relação à Alimentação Saudável se mostrou não significativa, comprovando assim H3.

Tabela 4
Avaliação das Hipóteses da Pesquisa

Hipóteses da pesquisa	Γ coef. de caminho	p-valor	Decisão
H1 – A resposta à falha no controle da alimentação saudável terá uma relação positiva com a intenção de se alimentar de forma saudável.	0,2670	0,0120	Corroborada
H2 - A atitude em relação à alimentação saudável terá uma relação positiva com a intenção de se alimentar de forma saudável.	0,4310	0,0050	Corroborada
H3 – A resposta à falha no controle da alimentação saudável não terá relação significativa com a atitude em relação à alimentação saudável.	-0,0300	0,3910	Corroborada

Fonte: dados da pesquisa

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a relação entre a resposta à falha, atitude e intenção dos consumidores em relação à alimentação saudável. Com base na escala de mensuração de Resposta à Falha (RAF) proposta por Zemack-Rugar et al. (2012) e na literatura sobre atitude, foi sugerido um modelo conceitual representando três hipóteses. Esperava-se que a RAF e a atitude se relacionassem positivamente com a intenção enquanto a RAF não estaria relacionada com a atitude. Para cumprir o objetivo proposto, foi realizado um estudo quantitativo por meio de *survey* junto a 154 consumidores. A análise dos dados se deu por meio de Modelagem de Equações Estruturais (MEE).

Com base nos resultados do modelo estrutural, a escala de Resposta a Falha (RAF) foi validada no contexto de alimentação saudável junto a consumidores brasileiros. A RAF, juntamente com a atitude em relação à alimentação saudável, foram capazes de explicar 0,25 (R^2) da Intenção de se alimentar de maneira saudável. Além disso, não houve uma relação significativa entre a RAF e a atitude dos respondentes em relação à alimentação saudável, confirmando as três hipóteses propostas. A relação não significativa entre a RAF e a atitude era

teoricamente esperada, visto que a resposta à falha pode afetar o comportamento subsequente, contudo, não se espera que essa resposta modifique substancialmente o que o indivíduo pensa acerca de determinado objeto ou situação de consumo, ou seja, a sua atitude já no curto prazo (situação simulada no cenário).

Sob o ponto de vista acadêmico, este estudo traz as seguintes contribuições: a) operacionaliza e valida a escala de Resposta a Falha de Zemack-Rugar et al. (2012) ao contexto brasileiro; b) demonstra o impacto da Resposta a Falha sobre a atitude e intenção dos consumidores em relação a se alimentar de forma saudável, relação que ainda não havia sido proposta e operacionalizada em estudos anteriores; c) fornece dados empíricos que se somam aos estudos de comportamento do consumidor, reforçando a necessidade de aprofundamento na lacuna entre a atitude e o comportamento, bem como os seus antecedentes.

A escala RAF pode ser aplicada em inúmeras situações práticas, pois possibilita uma visualização de quando a falha inicial leva ao fracasso subsequente, fornecendo assim uma ferramenta para prever quem irá para o fracasso subsequente. Dessa forma, a RAF pode ser usada para tentar aumentar o bem estar do cliente em condições críticas de autocontrole, como comer de forma saudável. Por exemplo, programas de controle de peso poderiam identificar se seus membros apresentam uma alta ou baixa conformidade com a RAF e assim criar intervenções cognitivas e emocionais para que se chegue a um maior autocontrole do indivíduo. Sequencialmente, pode-se verificar pela análise do modelo (Figura 2) o quanto a RAF está impactando na intenção de se alimentar de forma saudável das pessoas e, assim, tentar prever comportamentos subsequentes que possam ser controlados ou modificados.

Entre as limitações da pesquisa encontram-se o processo de coleta de dados, feito de maneira não probabilística por conveniência, o que impede a generalização dos resultados obtidos. Para futuras pesquisas, sugere-se a replicação deste modelo em outras situações, como consumo de filmes, músicas e softwares piratas; programas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis; situações de gasto excessivo de recurso financeiro; consumo de drogas; consumos em excesso de certos alimentos, serviços e bens. Pode-se incluir ao modelo, além da intenção comportamental, o comportamento de consumo em si e verificar como se dão essas novas relações causais, além do uso de diferentes metodologias como

experimentos, de modo a possibilitar um maior entendimento sobre o construto Resposta à Falha e os fatores relacionados ao mesmo.

REFERÊNCIAS

- Ajzen, I. (2001). Nature and operations of attitudes. *Annual Review of Psychology*, 52, 27-58.
- Alberts, H. J., Martijn, C., & De Vries, N. K. (2011). Fighting self-control failure: Overcoming ego depletion by increasing self-awareness. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(1), 58-62.
- Åstrøm, A. N., & Rise, J. (2001). Young adults' intention to eat healthy food: Extending the theory of planned behaviour. *Psychology and Health*, 16(2), 223-237.
- Bagozzi, R. (1981). Attitudes, intentions, and behavior: a test of some key hypotheses. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 607-27.
- Baumeister, R. F. (2002). Yielding to temptation: Self-control failure, impulsive purchasing, and consumer behavior. *Journal of Consumer Research*, 28(4), 670-676.
- Baumeister, R. F., & Heatherton, T. F. (1996). Self-regulation failure: An overview. *Psychological Inquiry*, 7, 1-15.
- Bolton, N., & Drew, H. J. (1991). A longitudinal analysis of the impact of service changes on customer attitudes. *Journal of Marketing*, 55(1): 1-9.
- Campbell, D. T., & Fiske, D. W. (1959). Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological bulletin*, 56(2), 81.
- Chan, K., & Tsang, L. (2011). Promote healthy eating among adolescents: a Hong Kong study. *Journal of Consumer Marketing*, 28(5), 354-362.
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological bulletin*, 112(1), 155.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). New York: Psychology Press.

- Cottam, S. (2011). Self-control failure in catholicism, islam, and cognitive psychology. *Zygon*, 46(2), 491-499.
- Croll, J. K., Neumark-Sztainer, D., & Story, M. (2001). Healthy eating: what does it mean to adolescents?. *Journal of nutrition education*, 33(4), 193-198.
- Dholakia, Utpal M., Mahesh Gopinath, and Richard P. Bagozzi (2005), "The Role of Desires in Sequential Impulsive Choices," *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 98 (November), 179–94.
- Dietary Guidelines for Americans (2015). Dietary Guidelines. Disponível em: <http://www.health.gov/dietaryguidelines>. Acesso em 14 de dezembro de 2014.
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: A flexible statistical power analysis for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39, 175-191.
- Fornell, C., & Larcker, D.F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*. 18(1), 39-50.
- Hair**, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2009). **Análise multivariada de dados** (6a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Hair, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2014). *A Primer on Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLSSEM)*. Los Angeles: SAGE Publications, Incorporated.
- Hair, J. F., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2011). PLS-SEM: Indeed a silver bullet. *The Journal of Marketing Theory and Practice*, 19(2), 139-152.
- Hollander-Blumoff, R. (2011). Crime, Punishment, and the Psychology of Self Control. *Emory LJ*, 61, 501.
- Inzlicht, M., & Gutsell, J. N. (2007). Running on empty neural signals for self-control failure. *Psychological Science*, 18(11), 933-937.
- Katz, D. (1963). Determinants of attitude arousal and attitude change. *Public Opinion Quarterly*, v. 24, p. 176-192. In: Costelo, T. W., & Zalkind, S. S. *Psychology in administration: a research orientation*. New Jersey: Prentice-Hall inc.
- Korgaonkar, P. K. Silberblatt, R., & O'leary, B. (2001). Web advertising and Hispanics. *Journal of Consumer Marketing*, 18(2): 134-150.
- Lee, N., & Hooley, G. (2005). The evolution of "classical mythology" within marketing measure development. *European Journal of Marketing*, 39(3/4), 365-385.

- Malhotra, N. K. (2012). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. São Paulo: Bookman.
- Malhotra, N., Lopes, E. L., & Veiga, R. T. (2014). Modelagem de Equações estruturais com Lisrel: uma visão inicial. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), 28-43.
- Mitchell, A. A., & Olson, J. C. (1981). Are product attribute beliefs the only mediator of advertising effects on brand attitudes? *Journal of Marketing Research*, 18, 318-332.
- Muraven, M. (2008). Prejudice as Self-Control Failure. *Journal of Applied Social Psychology*, 38(2), 314–333.
- Muraven, M., & Baumeister, R. F. (2000). Self-regulation and depletion of limited resources: Does self-control resemble a muscle? *Psychological Bulletin*, 126, 247–259.
- Muraven, M., & Slessareva, E. (2003). Mechanism of self-control failure: Motivation and limited resources. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 894–906.
- Muraven, M., Tice, D. M., & Baumeister, R. F. (1998). Self-control as a limited resource: Regulatory depletion patterns. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 774–789.
- Otten, R., Schuurmans, A. A. T., & Hermans, R. C. J. (2013) Facing Temptation in the Bar: Counteracting the Effects of Self-Control Failure on Young Adults' Ad Lib Alcohol Intake. *Addiction*, 109(1), 1-12.
- Povey, R., Conner, M., Sparks, P., James, R., & Shepherd, R. (2000). The theory of planned behaviour and healthy eating: Examining additive and moderating effects of social influence variables. *Psychology & Health*, 14(6), 991-1006.
- Quevedo-Silva, F., Lima-Filho, D., & Freire, O. (2013). A influência da consciência ambiental e das atitudes em relação ao consumo sustentável na intenção de compra de carne bovina. *Anais do 37º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Ringle, C. M., Silva, D., & Bido, D. S. (2014). Modelagem de equações estruturais com utilização do Smartpls. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), 44-55.
- Ringle, C. M., Wende, S., & Will, S. (2005). *SmartPLS* (versão 2.0 M3 Beta) [Software]. Hamburg: SmartPLS.
- Sheth, J. N., Mittal, B., & Newman, B. I. (1999). *Customer behavior: consumer behavior and beyond*. Orlando: Dryden.

- Shiffman, L. G., & Kanuk, L. L. (2000). *Comportamento do consumidor* (6a ed.). Livros técnicos e científicos editora S/A.
- Tabachnick, B., & Fidell, L. (2001). *Using multivariate statistics* (4th ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Tobias, R. D. (1995). An introduction to partial least squares regression In: *Proc. Ann. SAS Users Group Int. Conf., 20th, Orlando, FL, 2-5*.
- Trinchera, L., & Russolillo, G. (2010). *On the use of Structural Equation Models and PLS Path Modeling to build composite indicators*. Working paper no. 30, Università Degli Studi Di Macerata.
- Vermeir, I., & Verbeke, W. (2008). Sustainable food consumption among young adults in Belgium: theory of planned behavior and the role of confidence and values. *Ecological Economics, 64*, 542-553.
- Wallace, H. M., & Baumeister, R. F. (2002). The effects of success versus failure feedback on further self-control. *Self and Identity, 1*(1), 35-41.
- Zemack-Rugar, Y., Corus, C., & Brinberg, D. (2012). The "Response-to-Failure" Scale: Predicting Behavior Following Initial Self-Control Failure. *Journal of Marketing Research, 49*(6), 996-1014.

Anexos

Cenário

Texto – Leia com atenção

Imagine que você esteja tentando perder peso. Você está em um restaurante e pede a entrada que a garçonete recomendou. Pareceu ser saudável, mas assim que a entrada chegou você percebeu que tem muito mais calorias do que esperava. Como você já tinha pedido, você comeu mesmo assim, provavelmente consumindo mais calorias do que deveria numa refeição completa. Você sente que já estragou a dieta do dia. Na hora de pedir o prato principal você ainda está com fome. Você se pergunta se deveria pedir uma salada saudável com poucas calorias (mas sem graça) ou um prato menos saudável com mais calorias (mas tentador).

Escala de Respostas a Falha (RAF)

- | |
|--|
| 1. Eu pensaria, já que minha dieta estava perdida por causa da entrada eu aproveitaria o prato principal também. |
| 2. Eu pensaria, já que eu comi muito na entrada, eu aproveitaria o prato tentador também. |
| 3. Eu pensaria, já que eu falhei em atingir meus objetivos de calorias e nutrientes na refeição eu poderia aproveitar o prato principal também. |
| 4. Eu pensaria, já que eu comi a entrada que tinha muitas calorias, que não me saciou e atrapalhou minha dieta, eu aproveitaria a oportunidade e comeria o prato principal também. |
| 5. Eu ficaria pensando: “Por que eu comi aquela entrada? Eu não deveria ter feito isso.” |
| 6. Eu me sentiria culpado por ter comido uma entrada com muitas calorias. |
| 7. Eu me sentiria frustrado por ter comido uma entrada com muitas calorias. |
| 8. Eu me sentiria mal por estar pensando em comer o prato tentador com muitas calorias. |
| 9. Eu me sentiria um irresponsável por ter comido a entrada mesmo que ele parecesse tão engordativo e cheio de calorias. |
| 10. Eu continuaria pensando nas calorias daquela entrada e como ela iria arruinar minha dieta saudável. |

Escala sobre a Intenção de se Alimentar de Forma Saudável

- | |
|--|
| 1. Provavelmente irei comer alimentos saudáveis no futuro |
| 2. É útil comer alimentos saudáveis no futuro |
| 3. É chato comer alimentos saudáveis no futuro |
| 4. Certamente comerei alimentos mais saudáveis com regularidade no futuro. |
| 5. Pretendo me alimentar de maneira mais saudável no futuro |
| 6. Eu quero me alimentar de maneira mais saudável no futuro |

Escala de Atitude em Relação a Alimentação Saudável

1.No geral, penso que me alimentar de maneira saudável é: agradável
2.No geral, penso que me alimentar de maneira saudável é: favorável
3.No geral, penso que me alimentar de maneira saudável é: benéfico
4.No geral, penso que me alimentar de maneira saudável é: prazeroso
5.No geral, penso que me alimentar de maneira saudável é: bom
6.No geral, penso que me alimentar de maneira saudável é: sensato